

Povo de luta

Juão Nyn dá voz às questões indígenas na obra *Tybyra*. Ao *Correio*, ele critica a falta de espaço dos índios na sociedade brasileira

» ADRIANA IZEL

“É um grito de socorro de uma comunidade excluída”. É assim que a escritora Eliane Potiguara define no prefácio de *Tybyra: Uma tragédia indígena brasileira*, livro escrito por Juão Nyn. A obra em questão, recém-lançada pelo selo Doburro, é um monólogo, em formato de roteiro teatral, que acompanha o personagem-título que fora condenado à morte e teve a execução citada no livro *Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos 1613 e 1614*, do frade francês Yves Debreux.

Na obra de Nyn, o indígena ganha identidade e, mais do que isso, representa a parte da história sempre invisibilizada. “Decidi colocar só as falas e o lado de Tybyra, porque o outro lado, desde 1500, a gente tá cansado de saber, né? Diante das lacunas formadas pelas ausências, cada um pode imaginar o que puder, diante da fertilidade do terreno da mente”, explica o autor em entrevista ao *Correio*.

Juão Nyn é formado em teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mas, até escrever *Tybyra*, se dedicava a outras linguagens artísticas, mesmo que todas tivessem a temática indígena como norte. Ele conta que a escolha

por fazer um monólogo teatral se deu por uma combinação de motivos, entre eles por ter sido a primeira manifestação artística a fazer parte da colonização, por meio do ensino do português aos índios feito pelo Padre São José de Anchieta. “Gosto de pensar que a minha meta é reverter tudo isso. Escrever (sobre índios) dessa forma foi uma descoberta, nunca me imaginei dramaturgo, mas sou compositor e sempre fui ator, criador”, completa.

Espaço

O livro é escrito em tupi-guarani, uma das mais de 270 línguas nativas da América, e em “potyguês”, um manifesto literário semelhante ao português com apenas uma exceção. O “idioma” criado por Juão Nyn se apropria do “y”, letra sagrada

em tupi, aparecendo em substituição ao “i”. O modo é uma espécie de demarcação para o autor.

Tudo em *Tybyra* é político. A intenção de Juão Nyn é exatamente ocupar o espaço renegado aos indígenas. “Existem muitas pessoas como eu, seja nas cidades seja nas aldeias, invisíveis, desvalidadas. Por falta de maturidade nas discussões étnico-raciais, o Brasil se construiu em cima de uma birracialidade, então a gente não é visto e, quando olhados, não reconhecidos. Indígena não é raça. Temos etnia e, dependendo da nação, abarca-se de diferentes formas a miscigenação. Mas só demarcaremos espaços concretos, lugares de dignidade para habitar, quando demarcamos imaginários. Precisamos exercer nossas naturezas independentemente de qualquer colonialidade ainda presente, assim construímos novas narrativas, que viam realidades”, analisa Nyn.

Atualmente, o autor planeja lançar uma segunda dramaturgia com o recorte indígena na época da ditadura militar. “Quero radicalizar essa proposta de demarcar os territórios do imaginário e os territórios físicos, ousar mais e ficcionalizar dados documentais e seguir deformando o mundo colonial”, anuncia.



Selo Doburro/Divulgação

Tybyra: Uma tragédia indígena brasileira

De Juão Nyn. Selo Doburro, 110 páginas. Preço médio: R\$ 30.



Arquivo Pessoal

Juão Nyn resolveu utilizar a linguagem teatral em referência à primeira manifestação artística usada para colonizar os índios

Cinco perguntas // Juão Nyn

Você é uma pessoa bastante artística. O que te motivou, então, a resolver comunicar por meio da escrita no livro *Tybyra*?

Acho engraçado falarem que sou bastante artístico, porque não consigo separar o fazer arte do viver. Não saberia existir de outra forma, se não estranhando o mundo pelo que chamam poesia, portanto, criando. Acho que tem muita gente assim, né? “Todo mundo nasce artista, depois vem a castração...”. Então, por isso vão nascendo coisas, ano passado foi *Tybyra*. Acabou virando meio de transição para muita coisa que habitava dentro de mim e eu sempre colocava pra fora de forma equivocada ou insuficiente. *Tybyra* foi essa energia artística espiritual que encaixou perfeitamente, me fez mais feliz e parece fazer um sentido danado também pra outras existências.

No posfácio você fala de um problema que ainda existe, da história e da cultura indígena ser tratada pelos brancos. Existem ainda poucas produções ou elas não estão sendo olhadas?

Não estão sendo olhadas. Temos centenas de escritores e acadêmicos indígenas incríveis deslegitimados. Durante muito tempo a identidade indígena foi construída como temporária, “saiu da aldeia, não é mais indígena”, nunca pela perspectiva étnica. Então busca-se uma romantização, o indígena mais indígena, como se existíssemos só no passado, numa grande hipocrisia, onde no presente, somos o país com maior população isolada do mundo, e o garimpo contamina com mercúrio o peixe que comem. Serão eles menos indígenas por comerem nossa poluição? Então, estamos por aí, enxerga quem tem interesse e consciência pra ver.

O quanto difícil ainda é conseguir esse espaço de fala e protagonismo?

Não queremos protagonismo, não acreditamos em topo, queremos respeito e dignidade para coexistir, mas nunca pediram licença. Nossas cosmologias, culturas e modos de viver seguem sendo deturpadas e usurpadas. Não vivemos em cima de um cemitério indígena, somos o próprio. Insistem em nos enterrar vivos.

Cidade invisível (que também trata da questão indígena) da Netflix estreou criando polêmica. Qual é a sua opinião?

Já que equivocadamente somos colocados dentro da categoria de raça, não temos democracia racial, concorda? Na verdade, sem demarcação de todas as terras indígenas, nem democracia temos, vivemos um ensaio. Os movimentos indígenas estão pulsando, tentando dizer: “Precisamos que cedam espaços hegemônicos para que outras pessoas (e grupos) possam fazer. Há 1.520 anos, vocês sempre puderam fazer tudo. Parem, por pelo menos 1.520 meses. O progresso indígena está em curso, em todas as camadas.

No livro, você fala sobre os encantados, e esse foi um ponto de polêmica na série e sobre o folclore em si. Você poderia explicar o que são os encantados e qual a importância deles para vocês?

Essa cosmologia não pertence a todos os povos indígenas com esse termo. Para povos do tronco Tupi, Encantados são os espíritos da natureza que, assim como ela, não possuem fronteira entre bem e mal. A importância? Somos a própria natureza, cuidar de um é estar cuidando do outro, não há dissociação.

“Não vivemos em cima de um cemitério indígena, somos o próprio. Insistem em nos enterrar vivos”

Outros autores indígenas para ler

- ✓ Auritha Tabajara
- ✓ Daniel Mundurucu
- ✓ Eliane Potiguara
- ✓ Geni Nunes
- ✓ Graça Graúna
- ✓ Jamilyne Anahata
- ✓ Julie Dorico
- ✓ Kaká Werá
- ✓ Marcia Kambeba
- ✓ Mayra Sigwalt
- ✓ Yaguarê Yamã